



Maria de Lourdes Belchior Pontes

Uma vida a construir pontes com o mundo

JOSÉ MANUEL DA COSTA ESTEVES*

.....

DOI: <https://doi.org/10.34619/r9my-6h38>

* Universidade Paris Nanterre, Centre de recherches interdisciplinaires sur le monde lusophone (UR Études Romanes), Cátedra Lindley Cintra. 92001 Nanterre Cedex, França.

Responsável pela Cátedra Lindley Cintra de Camões I.P., no Departamento de Estudos Lusófonos da Universidade Paris Nanterre, onde integra o CRILUS (UR Études Romanes), do qual é diretor adjunto.

jdacostaeste@parisnanterre.fr

Conhecia a Professora Maria de Lourdes Belchior dos meus tempos de jovem aluno de Românicas na Faculdade de Letras de Lisboa, pelos ensaios sobre poetas contemporâneos, ou pelas suas passagens nos corredores da Faculdade, no período em que ensinava nos Estados Unidos. Mas, no dia 8 de janeiro de 1985, encontrei-me finalmente na situação de aluno face à eminente Professora no Mestrado de Literatura Portuguesa. Éramos um pequeno grupo de escolhidos, maioritariamente jovens, mas ávidos por aprender e beneficiarmos do seu imenso saber. Porém o seu espírito de abertura e uma visão do ensino pouco ortodoxa (foi ela quem introduziu na Faculdade de Letras a prática de trabalhos feitos em casa, a dispensa das provas orais a partir de uma certa nota na escrita, a autorização para os rapazes fazerem exames em mangas de camisa), mesmo depois de onze anos da Revolução dos Cravos, revelar-se-ão logo na primeira aula. Em vez de nos apresentar um programa pré-determinado, expôs-nos detalhadamente três propostas possíveis: o sermão do Padre António Vieira, uma revisão do Maneirismo e do Barroco e tendências da poesia portuguesa contemporânea. A sua expectativa, para vir ao encontro da nossa geração, centrava-se no último tema, mas, quando por unanimidade optámos pela primeira possibilidade, não deixámos de a impressionar, lançando-nos com a sua bonomia e um sorriso muito cúmplice um “Está bem, mas não devem ser bons da cabeça”. Era assim! Em muitas outras situações que a vida me proporcionou, pude constatar a sua inteligência, argúcia, abertura, capacidade de diálogo, desejo permanente de conhecer e questionar, humanismo, culto das amizades e da lealdade, bom humor, bondade, sempre pronta e atenta para ajudar a família *strictu senso*, e todas as outras famílias que cruzou ao longo da sua vida peregrina, a “românica” (inicialmente composta por Hernâni Cidade, Vitorino Nemésio, Jacinto do Prado Coelho, Lindley Cintra), a dos alunos, a dos lusófilos espalhados pelo mundo, a das mulheres e homens irmanados na busca de um sentido para a vida.

Maria de Lourdes Belchior Pontes nasceu em Lisboa a 5 de julho de 1923, cidade onde faleceu, após uma longa peregrinação pelo mundo, a 4 de junho de 1998. Originária de uma família modesta, o pai inculcou-lhe ideais anarquistas, educando-a em espírito de grande tolerância, faceta que marcará para sempre a sua personalidade. Gostava de analisar e dissecar uma questão por todos os ângulos; o seu espírito de síntese levava-a a argumentar, a contra-argumentar, num verdadeiro exercício

de inteligência, para atingir a resposta o mais isenta possível, rematando muitas vezes com uma argumentação contrária: “Agora vou fazer de advogado do diabo”, pondo novamente tudo em causa. Era assim com os textos literários e na vida! O seu gosto pela Medicina não estará longe desta sua tendência para “dissecar”, estudar, analisar, mas também da de estar ao serviço dos outros. Durante um ano chegou a assistir, como ouvinte, ao curso de Clínica Médica de Pulido Valente. Também a aviação e a aventura a atraíam, o seu gosto pelas viagens não desmente esta vertente, tantas vezes cruzou os ares. E se não voou por mãos próprias, a prática da vela permitiu-lhe dar azo à sua faceta mais desportiva.

O amor pelas letras e a vocação para o ensino vinham já da infância, escreveu desde sempre, mas o empurrão definitivo veio do pai, que a aconselhou a tirar um curso superior menos longo, selando assim o seu percurso. Depois dos estudos liceais no Maria Amália, licencia-se, em 1946, em Filologia Românica na Faculdade de Letras de Lisboa, com 18 valores, com uma dissertação intitulada “Da Poesia de Frei Agostinho da Cruz – Tentativa de análise estilística”. É de imediato convidada para Assistente eventual, situação que declina, por lhe parecer injusta (no mesmo ano é convidado como Assistente efetivo o colega e amigo Lindley Cintra), dando os primeiros passos profissionais na Escola Veiga Beirão. Em 1947 acaba por ser contratada como Segunda Assistente.

Após uma primeira recusa, por ser mulher, de obter uma bolsa do Instituto de Alta Cultura (IAC), acaba por ser nomeada como Leitora no Instituto Católico de Paris de 1950 a 1952. Na década seguinte, de 1966 a 1970, é Conselheira para a Direção do IAC e vinte anos depois (1971-1973) exercerá as mais altas funções desse mesmo organismo, como Vice-Presidente e Presidente. Estes factos, que traduzem bem a situação da mulher em Portugal, relegada sempre para segundo plano, alimentaram e alicerçaram a sua profunda consciência, jamais abalada ao longo da vida, contra todo o tipo de discriminação e muito em especial a que se erige contra as mulheres. Contava com muito humor e ar deliciado estes episódios da sua vida que a levaram, como dizia, “sem ter mudado de sexo”, a desempenhar esses cargos. Os anos de Paris, onde frequenta as aulas da École des Hautes Études en Sciences Sociales, revelam-se fundamentais para a preparação da sua tese de Doutoramento, que apresenta em 1953, na Universidade de Lisboa, sobre “Frei António das Chagas – Um homem e um estilo do século XVII”.

Em 1959, passa à categoria de Professora Extraordinária, na qual se mantém dez anos, com apresentação de provas sobre “Itinerário poético de Rodrigues Lobo”. Leciona várias cadeiras, entre as quais Literatura Portuguesa (clássica e barroca), Literatura Espanhola e Cultura Portuguesa. É do conhecimento público, e uma grande prova do seu carácter, capacidade de dádiva e sentido de amizade profunda, não se ter apresentado ao concurso para Professor Catedrático na Universidade de Lisboa para dar a possibilidade ao seu colega e amigo Lindley Cintra de aceder à vaga de Catedrático, pois, conhecido pelas suas posições face ao regime, seria preterido se houvesse outro candidato. Falava desse facto com toda a naturalidade, pois o seu colega tinha responsabilidades de família, no seio da qual era ternamente tratada por “tia Lourdes” (em eco ao tratamento do Prof. Vítorino Nemésio e netos – “tia Ludres” – de quem começou por ser assistente e mais tarde substituiu na regência da cadeira de Literatura e Cultura Portuguesa Contemporânea) – era fundamental, pois, progredir mais rapidamente na carreira.

Começa, então, mas sem acesso à carreira diplomática (interditada às mulheres), um longo périplo pelo mundo que a leva a desempenhar as mais diversas funções no estrangeiro. O trânsito entre Portugal e outros países é feito sem plano de carreira e com grande desapego dos títulos académicos, visível até no facto de não ter deixado discípulos, apesar de ter marcado gerações de estudantes. Terão contribuído também para a sua saída de Portugal as posições assumidas ao lado de Lindley Cintra nas lutas estudantis de 1962 (ambos tinham integrado a direção da Associação de Estudantes da Faculdade de Letras). É assim ‘empurrada’ para o cargo de Conselheira Cultural, no Rio de Janeiro, de 1963 a 1966, percorrendo o país, do qual era muito admiradora, como conferencista para promover a cultura portuguesa, mas sem muitas ilusões quanto à ambivalência da relação de amizade Portugal-Brasil. Inicia desta forma uma extensa atividade para a promoção das relações culturais, tendo integrado as Comissões que estabeleceram acordos culturais com a Bélgica, França, República Federal da Alemanha, Roménia e Espanha. Em 1969 acede à vaga de Professora Catedrática na Universidade do Porto, onde leciona durante um ano Literatura Medieval, antes da sua passagem definitiva para a Universidade de Lisboa, na qual integra a sua “família românica”, agora mais alargada. Depois de cessar funções na Presidência do IAC, participa nas Comissões para a reforma do Ensino Superior e das Faculdades de Letras e integra o Conselho Fundador da Universidade Nova de Lisboa. Em 1974 exerce,

a convite de Mário Soares e durante oito meses, o cargo de Secretária de Estado da Cultura e Investigação Científica dos três primeiros Governos Provisórios (anteriormente, já tinha sido membro do Conselho Geral da Junta Nacional de Investigação Científica e Tecnológica e membro da Comissão para a Política Cultural), mostrando uma grande abertura à cultura europeia, prosseguindo um dos seus eixos diletos de pensamento, a Europa, na qual ocupa um lugar de destaque a França. Afastada da vida política por opção própria, e após ter cofundado e dirigido o semanário *Nova Terra*, prossegue a vida académica na Universidade da Sorbonne Nouvelle, em 1976-1977, a convite do Prof. Raymond Candel, na qualidade de Professora Associada. A partir de 1979 e durante dez anos, inicia a sua longa colaboração com a Universidade de Santa Bárbara, primeiro como Professora Visitante para substituir Jorge de Sena e a partir de 1984 como Professora Catedrática de literaturas e culturas lusófonas, em regime de acumulação, com serviço docente semestral na Faculdade de Letras de Lisboa (1982-1989). De 1989 a 1997 exerce o cargo de diretora do Centro Cultural Português da Fundação Calouste Gulbenkian em Paris, onde prossegue um trabalho exemplar e inovador de promoção da cultura portuguesa em todas as áreas, abrindo as portas aos emigrantes portugueses e sobretudo às novas gerações, para incrementar e lhes devolver a dignidade de uma cultura de herança. Cria então ciclos de conferências em Português para luso-descendentes sobre os temas mais diversos, das artes plásticas ao teatro, ao pensamento, às tradições, à literatura portuguesa, ao canto (o salão nobre do centro abriu-se ao rufar de tambores e cantares regionais portugueses, para espanto de uma sala que até então só tinha sido palco de música clássica). Pertenceu ao movimento laico Graal, de forte intervenção cívica, e em 1990 foi nomeada pelo Papa João Paulo II como membro do conselho Pontifício da Cultura.

Os seus domínios de estudo abarcam a espiritualidade, uma espécie de todo orgânico como se fosse uma 'poética de vida', a oratória sacra, o barroco, dois volumes de ensaios balizados por períodos diferentes sobre os Homens e os Livros, temas da cultura portuguesa e a sua singularidade (o exílio, a saudade, o carácter nacional, num diálogo privilegiado com Eduardo Lourenço e Jacinto do Prado Coelho), a poesia portuguesa contemporânea (Pessoa, Nemésio, Sebastião da Gama, Sena, Ruy Belo, Manuel da Fonseca, David Mourão-Ferreira, Sophia de Mello Breyner) e também a Europa, ocupando todos eles um lugar de destaque na sua vasta produção, com mais de duzentos títulos publicados. Eles encontram-se recenseados

nas várias publicações de homenagem, que serão sucessivamente publicadas em Lisboa (1993), Santa Bárbara (1995) e Paris (1998), testemunhando o apreço e admiração pela Professora de todos quantos pelo mundo repartidos cruzaram os seus textos e caminho. Se a estilística para a análise dos textos literários constituiu o seu maior deslumbramento, com os contributos de Spitzer e de Dámaso Alonso, os hiatos da sua carreira, o afastamento e desapego pelas correntes mais em voga nos anos 80, a recusa de moldes, levaram-na a encarar com muita cautela o objeto de uma ciência da literatura que abrisse o caminho a uma desumanização das letras, assumindo assim uma grande independência de espírito, visível também a todos os níveis no seu magistério.

Membro da Academia das Ciências de Lisboa, da Sociedade Portuguesa de Escritores, da Hispanic Society, da Association Internationale des Critiques d'Art, entre outros organismos, foi distinguida como doutora *honoris causa* pelas Universidades do Porto e Nova de Lisboa, recebeu muitos prémios e galardões, nacionais e estrangeiros, ao longo da sua vida, tendo particular afeição pelo Prémio Europa da Académie des Maîtres de L'Est – Strasbourg (1995) que coroou o seu interesse por uma Europa livre e sem fronteiras culturais. Recordo a grande festa-surpresa que organizámos em Paris, rodeada pelos amigos, uma outra família, para festejar tal acontecimento. Eu estava encarregado de a esperar no aeroporto de Orly e de a transportar para destino incógnito, mas, à medida que nos aproximávamos da cidade, aguçava-se a sua curiosidade, ia lançando pistas e acabou por adivinhar que nos reuníamos em casa da Bernardette Pereira, amiga de todas as horas em Paris, nas boas e nas más, e que a acompanhou até ao fim em Lisboa.

Numa nota mais pessoal, mas que ilustra o retrato da professora e intelectual, da pessoa e da mulher que era, poderia citar imensos episódios. Quando era seu aluno, em Lisboa, às vezes, ao vê-la entrar no átrio da Faculdade com uma pasta pesadíssima, corria ao seu encontro para a aliviar do peso. Mas ela não permitia que fosse ajudada por ser mulher e não suportava, sobretudo, a ideia de que os alunos carregassem a pasta dos professores, associando tal ato aos tempos em que era jovem assistente. E embora não “carregasse” a pasta de Vitorino Nemésio, contava com muito humor como este ia de férias para os Açores, mandava uma fotografia montado a cavalo, com uma dedicatória, e ela e o Prof. Lindley Cintra tinham de dar as aulas e corrigir as frequências. Quando lhe pedi

um encontro, numa das minhas passagens por Lisboa, para orientação de trabalhos, aceitou sem hesitação, mas com toda a seriedade impôs-me como condição ser num restaurante e comermos antes de tudo um bom bife. Em Paris tivemos numerosos momentos de convívio, frequentemente à volta de repastos na parte residencial do Centro Cultural da casa da avenida d'Iéna, onde, a pretexto de falarmos de trabalho, queria simplesmente ver se eu me alimentava convenientemente. Numa casa de férias que partilhámos em Porto Santo, praia que comecei a frequentar por sua influência, apesar de não gostar particularmente de cozinhar, fazia com a sabedoria de velhas receitas uma deliciosa canja de galinha que parecia sair de um romance do Eça. Foi também uma grande companheira de saídas a concertos, teatro e dança, nas mais prestigiadas salas de Paris ou arredores (Bobigny, Créteil, Aubervilliers), estas muitas vezes com uma programação mais eclética e aberta à novidade. Tanto apreciava uma encenação de Strehler, de Peter Brook ou, noutro estilo, dos não menos consagrados Bob Wilson e Peter Sellers, como uma coreografia de Cunningham ou de Bill T. Jones. Apreciava tudo com o mesmo entusiasmo, e nem a cerveja que habitualmente tomávamos previamente no café da esquina do Théâtre des Champs Elysées lhe retirava o fino espírito crítico e argúcia para constatar as diferenças de género na prestigiada Orquestra Filarmónica de Berlim, que abriu as portas a uma mulher apenas em 1982. Ela contava-as e dizia-me: “Está a ver? São quatro no meio de cento e vinte!”. Era muito discreta para contar o bem que fazia à sua volta, mas às vezes descobríamos que enviava livros para as prisões (e também a taxistas parisienses de origem portuguesa, anotava o nome e enviava depois pelo correio livros para os filhos, sempre com a preocupação de dignificar a cultura portuguesa) ou que arranjava uma ou outra tradução a quem lhe pedia ajuda financeira ou emprego – às vezes não existia a edição, mas ela pagava do seu bolso como se houvesse um verdadeiro contrato –, e estas ações repetiam-se. Era a “bondade presente”, como a tão bem define a colega e grande amiga Anne-Marie Quint no texto que lhe dedica na homenagem de Paris. No que me diz respeito, zelou sempre pelos meus interesses, intercedendo por iniciativa própria, como sempre fazia, junto de vários professores da Faculdade de Letras, para que me acolhessem como assistente, em caso de regresso ou interrupção da missão em Paris. Quando estive gravemente doente, não só me visitava, como telefonava regularmente, escrevia bilhetes ou cartas, enviava-me livros e dizia quanto

sentia a minha falta nos concertos dos Champs Elysées. Até me “arranjou” uma tradução para eu me distrair... Numa dessas cartas em que aborda o mistério da vida, não só me alentava, como afirmava o seu respeito e grande tolerância pela diferença:

A vida é um mistério que só escassamente deciframos e o sofrimento agrava a espessura desse mistério. Somos feitos para a Vida e não para a dor e só acreditando que esta vida do quotidiano tem um sentido poderemos aderir ao que nos acontece. (...) Naturalmente que para mim tudo tem um sentido, obscuro é verdade, mas que enraíza na certeza de um Deus-Homem que nos ama. Mas respeito profundamente a posição dos que não partilham desta minha fé. (Carta ao autor, de 25/1/1992)

Os seus livros de poesia, *Gramática do Mundo* (1985) e *Cancioneiro para Nossa Senhora. Poemas para uma Via Sacra* (1988), são alimentados por esse mistério, de inspiração cristã, que une o quotidiano ao transcendente e neles capta mais intensamente o sentido do mundo, dos homens e de todas as coisas. Eles testemunham o seu estilo interrogativo e questionador, onde cabe a dimensão do sujeito, espírito desassossegado que ao mesmo tempo atualiza os grandes temas bíblicos do Ocidente e da tradição literária portuguesa, sem deixar de lado um diálogo com a poesia portuguesa contemporânea.

Construtora de pontes, peregrina cultural, soube sempre ultrapassar fronteiras reais ou imaginárias, e fazer de todos quantos tivemos o privilégio de com ela nos cruzarmos numa curva do caminho seres melhores, mais lúcidos e tolerantes. Na sua mensagem de despedida da direção do Centro Cultural em Paris, impressa no programa de abril de 1997, deixa, em jeito de balanço, este poema inédito, “*avec un grand merci*”:

Os homens e os livros;/ as bibliotecas;/ as universidades do mundo;/ a maravilhosa beleza/ das coisas e das paisagens/ foram motivos de deslumbramento.// A cegueira dos homens;/ os horrores da violência;/ o inferno das lutas fratricidas/ e a quase indiferença/ perante o Mal/ são razão de inquietação/ e sofrimento.

Obrigado nós, querida Professora!